

A Divisão do Trabalho em Adam Smith.

Jean Michel de Lima Silva¹

Prof.(a): Marly Carvalho Soares²

RESUMO

O presente artigo foi elaborado em estudos e pesquisas com base nos três primeiros capítulos do livro I da Riqueza das Nações de Adam Smith³. O objetivo do artigo em pauta é demonstra três aspectos diversos da divisão do trabalho: primeiramente suas vantagens, em seguida o princípio de sua origem, e por fim a limitação feita pela extensão do mercado. Em uma busca fabulosa pela reflexão, onde esta é usada como método para discussão, chega-se ao resultado que a divisão do trabalho proporciona um aprimoramento das forças produtivas do trabalho e que tem por princípio a propensão natural para a troca e o intercambiar humano, além de ser limitado pela extensão do mercado.

PALAVRAS-CHAVE: DIVISÃO. TRABALHO. PERMUTAR.

¹Aluno do curso de Filosofia da Uece, michelzin_18@hotmail.com

²Orientadora e Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália), m.carvalho.soares@uol.com.br.

³Este, por sua vez, nasceu em Kircaldy na Escócia, cidade com cerca de 1.500 habitantes. O pai morrera antes do nascimento do filho. Aos quatro anos o menino foi seqüestrado por um bando de ciganos e só foi libertado graças aos esforços de um tio. Smith nunca se casou e viveu quase toda sua vida junto à mãe. Às vezes essa convivência permanente junto à mãe era interrompida por viagens de trabalho ou de estudo, mas ele sempre voltava a casa materna ou pedia que a mãe o acompanhasse.

INTRODUÇÃO

Demonstrar um pensamento tão complexo e cheio de particularidades como o de Smith requer uma base bem construída, exige um conhecimento histórica e filosófica para sua compreensão. Smith teve como cenário histórico o século XVIII (das luzes), ao qual atuou como Economista e Filósofo. O autor da obra “Uma Investigação Sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações” é considerado como o mais importante pensador do Liberalismo econômico. O Economista ficou conhecido por sua teoria do livre comércio, defendia um princípio que regularia naturalmente o mercado, ou seja, aponta para um estágio de eficiência tal que não necessitaria da intervenção estatal. A livre concorrência proporcionaria a regulamentação do mercado, a queda de preços e os avanços tecnológicos. Portanto como uma “Mão Invisível” que tudo rege. Procurei expor a complexa teoria de Adam Smith encontrada no livro I, A Riqueza das Nações, mais especificamente nos três primeiros capítulos que tratam justamente da Divisão do trabalho. Smith relata a tendência natural dos seres humanos ao comércio, escambo, a troca de produtos e serviços. Os seres humanos procuram então se especializar em uma determinada ocupação para daí poder negociar seus excedentes produtivos. Todas essas transformações levam a divisão do trabalho e consigo o aprimoramento da produção. Sem falar de suas vantagens como; o aumento da destreza do operário, a economia de tempo, e por último a invenção de máquinas que facilitem a realização do trabalho. Mas pela dependência que esta divisão tem em relação ao mercado, este o limita pela sua extensão. Contudo antes de entrar nas questões propriamente de Smith apresento um pequeno contexto histórico para localizar e apresentar como se fez realmente todo esse sistema de transformações nos métodos de trabalho, desde o artesanato passando-se pela manufatura até a maquina fatura.

Fases de evolução da produção Industrial no decorrer da História.

Antes de apresentar o pensamento de Smith sobre o aprimoramento das forças produtivas do trabalho ocasionada pela sua divisão, gostaria de fazer um resumo geral dos momentos da produção na história. São três etapas fundamentais da produção: em primeiro lugar temos o artesanato, depois a manufatura e por fim o grande salto do desenvolvimento compreendido com a maquina fatura. Assim o artesanato começa com as primeiras transformações de matérias-primas em produtos acabados, essa forma de produção é bem característica da idade medieval, onde as atividades necessárias a produção eram realizadas por uma única pessoa (no caso o artesão) que detinha todos os conhecimentos para a produção. Um alfaiate, por exemplo, tinha que criar os modelos, fazer todo o processo de costura, corte do tecido e fazer os acabamentos finais. Aqui o artesão possuía tanto o conhecimento da fabricação como era dono dos meios de produção, oficinas, ferramentas e utensílios em geral. Já na manufatura começa uma transformação fundamental nesse processo de produção, que seria a divisão do trabalho. A manufatura predominou no Ocidente europeu entre os séculos XV e XVIII. Ocasionalmente por inúmeros fatores dentre eles a significativa ampliação do consumo que se verifica em decorrência das grandes navegações. Com o aumento do consumo ocasiona também um aumento na produção. Mas agora o artesão que era seu próprio patrão sofre com essa transformação e vira empregado perdendo sua autonomia. Em linhas gerais o comerciante passou então a fornecer a matéria-prima aos artesãos e a pagar-lhes certa quantia pelo produto acabado que revendia. Os artesãos tornaram-se cada vez mais dependentes dos comerciantes. Passaram então a serem reunidos em grandes oficinas, sob as orientações de um chefe e trabalhando como assalariados. Aqui lógico, entra uma divisão do trabalho bem clara como, por exemplo, a produção de roupas que seria agora: um primeiro faz os modelos, outro a costura, um terceiro o acabamento, diferentemente do alfaiate (no processo de artesanato). Houve um aumento na produtividade ocasionado pela divisão das tarefas que Adam Smith também demonstra em sua obra A Riqueza das Nações. E por fim a maquina fatura é a forma mais elaborada de produção, onde as máquinas

substituem as ferramentas e também o trabalho de vários operários, chama-se trabalho morto. Esse processo iniciou-se com a revolução industrial e o pioneirismo Inglês.

A divisão do trabalho e o aumento da produtividade

Adam Smith faz um levantamento sobre como se realizou o aumento da produtividade, e chega à conclusão que tem uma relação direta com a divisão do trabalho. Esta por sua vez ainda traz consigo uma maior destreza e habilidades utilizadas no processo do trabalho:

O maior aprimoramento das forças produtivas do trabalho, e a maior parte da habilidade, destreza e bom senso com os quais o trabalho é em toda parte dirigido ou executado, parecem ter sido resultados da divisão do trabalho (SMITH, 1994, p.41)

Contudo se compreenderá melhor com um exemplo apresentado por Smith que deixa bem claro essa divisão e suas vantagens. Relata o filósofo que em uma manufatura pequena (onde já ocorre a divisão do trabalho) o produto a ser fabricado são alfinetes, e para sua confecção se usamos um trabalhador não treinado e não familiarizado com a utilização das máquinas, dificilmente poderia se fabricar um único alfinete em um dia inteiro de trabalho. Mas se dividido em setores aumenta consideravelmente essa produção, ou seja:

Um operário desenrola o arame, outro o endireita, um terceiro o corta, um quarto faz as pontas, um quinto o afia nas pontas para a colocação da cabeça do alfinete; para fazer uma cabeça de alfinete requerem-se 3 ou 4 operações diferentes; montar a cabeça já é uma atividade diferente, e alvejar os alfinetes é outra; a própria embalagem dos alfinetes também constitui uma atividade independente. (SMITH, 1994, p.42)

Smith diz que viu uma pequena manufatura de 10 empregados em que usavam essa divisão de trabalho e conseguiram resultados espetaculares. Produziram entre eles mais de 48 mil alfinetes por dia, ou seja, na razão 1/10 de 48 mil chega-se que cada um produzia 4.800 alfinetes diariamente. Pelo exemplo dado é fácil de perceber a eficácia, e o aprimoramento do trabalho por sua divisão. Em resumo traz Smith:

Se, porém, tivessem trabalhado independentemente um do outro, e sem que nenhum deles tivesse sido treinado para esse ramo de atividade, certamente cada um deles não teria conseguido fabricar 20 alfinetes por dia, e Talvez nem mesmo um, ou seja: com certeza não conseguiria produzir a 240 partes, e talvez nem mesmo a 4.800

partes daquilo que hoje são capazes de produzir, em virtude de uma adequada divisão do trabalho e combinação de suas diferentes operações. (SMITH, 1994, p.42)

Ora se nessa fabrica pequena aparecem esses resultados é claro que também podem ser usadas essas técnicas em qualquer outra oficina e manufatura. E mais, a diferença de ocupação e de emprego parece ser a conseqüência dessa vantagem. Além do que essa diferenciação apresenta-se com um grau mais elevado nos países evoluídos. Smith ainda aponta que a divisão encontrada na manufatura (linho, lã, enfim) não é a mesma da agricultura, pois esta última não comporta tantas subdivisões do trabalho, nem uma diferenciação tão grande de uma atividade para outra, quanto ocorre nas manufaturas.

Smith demonstra a eficácia da diferenciação do trabalho e suas divisões, mas que vantagens essa divisão traz para a produção? Ora Smith aponta três vantagens claras, a primeira seria uma maior habilidade e qualificação dos trabalhadores, a segunda a poupança daquele tempo que geralmente, seria costume perder ao passar de uma atividade a outra, e por fim a invenção de máquinas para agilizar e facilitar o trabalho. Vamos ver passo a passo como isso ocorre para depois percebermos que seu fim é a abundância ou aumento da produtividade do trabalho.

I – APERFEIÇOAMENTO:

Através da divisão do trabalho, os trabalhadores realizam suas atividades um âmbito mais específico. Portanto essas atividades ganham um caráter de profundidade e conhecimento, ou seja, o trabalhador não esta voltado para o “todo”, mas sim para o “particular”. Deixa de ter um saber mediano de tudo para se aprofundar em uma determinada atividade. Logo, aumenta sua habilidade e qualificação.

Em primeiro lugar, vejamos como o aprimoramento da destreza do operário necessariamente aumenta a quantidade de serviço que ele pode realizar, a divisão do trabalho, reduzindo a atividade de cada pessoa a alguma operação simples e fazendo dela o único emprego de sua vida, necessariamente aumenta muito a destreza do operário. (SMITH, 1994, p.43-44)

Para validar o que ele comprova traz exemplos reais, ou seja, de economia, como o de um ferreiro. Diz ele que um ferreiro que nunca fez pregos que em alguma ocasião precisar-se fazê-los não produziria mais de 200 ou 300 por dia.

Outro ferreiro já acostumado a fazer pregos, porém que se dedica também a outras atividades de fabricação conseguiria de 800 a 1000 pregos por dia. Já um ferreiro especializado apenas nessa atividade faria 2300 pregos por dia. Como é explícito o aumento, Smith mostra a verdade na economia. Ora, o aumento da produtividade estaria diretamente relacionado com a habilidade e conhecimento do trabalho, este por sua vez é em decorrência da divisão do trabalho.

II – ECONOMIA DE TEMPO:

O segundo aspecto seria a economia de tempo, pois um trabalhador que atua em duas ou mais atividades perderia muito tempo na passagem de uma para outra. Além de ter sua atenção dividida na hora de realizar o trabalho. Problemas que seriam solucionados com a divisão do trabalho. Smith aponta:

“Em segundo lugar, a vantagem que se auferia economizando o tempo que geralmente se perderia no passar de um tipo de trabalho para o outro é muito maior do que a primeira vista poderíamos imaginar” (SMITH, 1994, p. 44)

Aqui remete ao exemplo de um tecelão que é obrigado a perder bastante tempo passando do seu tear para o campo e vice e versa, mesmo que os dois trabalhos fossem executados no mesmo lugar ainda existiria a perda. Smith quer uma maior concentração na atividade que se executa, pois promove uma eficiência muito maior do que aquele que faz diversas atividades e sua atenção esta voltada para a diversidade.

III – UTILIZAÇÃO DE MÁQUINAS

Para facilitar a execução do trabalho o Economista aponta para o maquinário, que tem como possibilidade auxiliar a realização de inúmeras tarefas.

“Em terceiro – e último lugar – precisamos todos tomar consciência de quanto o trabalho é facilitado e abreviado pela utilização de máquinas adequadas” (SMITH, 1994, p. 44)

É comum diz Smith, que um trabalhador específico acabe descobrindo meios e métodos para realizar seu trabalho de melhor maneira, inclusive sendo o inventor de máquinas, porém não só os operários têm essa capacidade (de invenção) mais também os fabricantes e Filósofos. Com todas essas capacidades além das facilidades e comodidades proporcionadas traz também

um salto no desenvolvimento científico. Smith cita o exemplo de um operário inventor:

Nas primeiras bombas de incêndio um rapaz estava constantemente entretido em abrir e fechar alternadamente a comunicação existente entre a caldeira e o cilindro, conforme o pistão subia ou descia. Um desses rapazes, que gostava de brincar com seus companheiros, observou que, puxando com um barbante a partir da alavanca da válvula que abria essa comunicação com um outro componente da máquina, a válvula poderia abrir e fechar sem ajuda dele, deixando-o livre para divertir-se com seus colegas. Assim, um dos maiores aperfeiçoamentos introduzidos nessa máquina, desde que ela foi inventada, foi descoberto por um rapaz que queria poupar-se no próprio trabalho. (SMITH, 1994, p.45).

Portanto a teoria de Smith é bastante complexa, pois a multiplicação das produções feitas pelos diversos ofícios (que só são possíveis graças à divisão do trabalho) gera uma riqueza universal que se estende até as camadas mais baixas da sociedade.

Origem da Divisão do Trabalho

O ser humano quando implanta a divisão do trabalho não parte de um pressuposto das suas vantagens ou da riqueza geral proporcionada, porém parte de uma propensão existente a intercambiar, permutar ou trocar uma coisa por outra. O curioso aqui seria que essa propensão é exclusivamente humana, ou seja, nenhum outro animal a possui. Smith diz que nunca ninguém viu um cachorro trocando um osso com outro ou fazendo negociações de objetos, como: isto é meu, isto é teu, estou disposto a trocar.

“De qualquer maneira essa propensão encontra-se em todos os homens, não se encontrando em nenhuma outra raça de animais, que não parecem conhecer nem essa nem qualquer outra espécie de contratos” (SMITH, 1994, p. 49).

O homem é um ser de infinitas necessidades e, não podendo ele sozinho as suprir, conta com a ajuda de seus semelhantes. Porém a troca não se faz pela benevolência alheia, e sim pelo interesse mútuo, ou seja, vantagens. Dê-me aquilo que eu quero e terá isto aqui que você quer. Em resumo traz Smith que conseguimos suprir as nossas necessidades por negociações, escambo ou compra.

Ora, aqui há uma complexa e complicada teia de efeitos, pois o homem, tendo várias necessidades, precisa supri-las pela troca, mas para isso acontecer tem

ele que apresentar vantagens (produtos, serviços, enfim) que só consegue através da divisão do trabalho, onde se aprimora em uma determinada atividade ocasionando um excedente de produção de seu próprio trabalho que é comercializado.

Em uma tribo de caçadores ou pastores, por exemplo, uma determinada pessoa faz arcos e flechas com mais habilidade e rapidez do que qualquer outra. Muitas vezes trocá-los-á com seus companheiros, por gado ou por carne de caça; considera que, dessa forma, pode conseguir mais gado e mais carne de caça do que conseguiria se ele mesmo fosse à procura deles no campo. (SMITH, 1994, p.50)

Outra questão que aparece é exatamente a escolha particular pela ocupação, se já é determinada pela natureza ou não. Smith diz que a diferença se faz mais por hábito, costume e educação do que por qualquer outra coisa.

A diferença entre as personalidades mais diferentes, entre um filósofo e um carregador comum na rua, por exemplo, parece não provir tanto da natureza, mas antes do hábito, do costume, da educação ou da formação. (SMITH, 1994, p.51)

A diferença de profissões e de produtos produzidos traz a harmonia comum, pois, por exemplo, um carpinteiro pode trocar seus serviços com um açougueiro ou com qualquer outro de que precise para satisfazer suas necessidades. O fabuloso seria que através da divisão há união, um verdadeiro paradoxo de difícil compreensão para muitos, e que o espírito economista de Adam Smith fez aparecer com tanta clareza e competência. Contudo o que há é uma união através das necessidades ocasionadas pelo escambo.

Ao contrário, entre os homens, os caracteres e habilidades mais diferentes são úteis uns aos outros; as produções diferentes dos respectivos talentos e habilidades, em virtude da capacidade e propensão geral do intercâmbio, ao escambo e à troca, são como que somados em um cabedal comum, no qual cada um pode comprar qualquer parcela da produção dos talentos dos outros, de acordo com suas necessidades. (SMITH, 1994, p.51).

Mercado Como Agente Limitador da Divisão do Trabalho.

O mercado limita a divisão do trabalho da seguinte maneira; a Propensão natural leva a divisão do trabalho, essa por sua vez possibilita uma especialização das ocupações e em conseqüência um excedente de produção, daí o mercado se harmoniza fazendo comercializações dos excedentes pelas

varias necessidades dos indivíduos. Entretanto quando o mercado é reduzido não há possibilidade de trocar esses excedentes, portanto a divisão do trabalho que era necessária não é mais. Porque não há razão para um aumento produtivo, já que não há quem consuma ou faça qualquer negociação. Para que isso fique bem claro, Smith expõe que um fabricante de pregos nas regiões mais afastadas da alta Escócia, teria grande dificuldade de negociação ou permuta, pois por ano produziria 300 mil pregos e a procura por eles na região seria de 1000 pregos apenas, ou seja, somente a produção de um dia de trabalho aproximadamente seria negociada, e o restante da produção ficaria parada sem utilidade no comércio. Conforme Smith diz:

Quando o mercado é muito reduzido, ninguém pode sentir-se estimulado a dedicar-se inteiramente a uma ocupação, porque não poderá permutar toda a parcela excedente de sua produção que ultrapassa seu consumo pessoal pela parcela de produção do trabalho alheio, da qual tem necessidade. (SMITH, 1994, p.53)

Vale ainda lembrar que é explicado as vantagens do transporte aquático e de como esse amplia o mercado. Através do transporte aquático existe um maior escoamento de mercadorias e uma abrangência maior de mercados. O economista explica que o transporte ocasiona um ganho maior de locomoção de mercadorias em um menor tempo. Se forem tantas as vantagens desse tipo de transporte por consequência é natural que os primeiros aperfeiçoamentos das artes e da manufatura se estabeleçam lá, aonde esta em contato direto com o mercado mundial, e que só depois chegue ao interior do país. Faz ainda menção as primeiras nações que foram civilizadas ao redor da costa do Mediterrâneo (dando ênfase a importância dos mares) fazendo uma pesquisa Histórica. Contudo o que realmente importa e que Smith traz desde o primeiro capítulo da riqueza das nações, é o fato de que no campo a divisão do trabalho é reduzida, pois ali também o mercado o é. E em contrapartida nos portos o mercado se expande por causa do comércio levando consigo a divisão do trabalho e a produtividade.

Conclusão.

Objetivando apresentar os principais pontos do pensamento econômico de Adam Smith, relativos a divisão do trabalho e a estrutura das relações comerciais. O resultado foi espetacular, em breves palavras seria que o ato de viver em sociedade estabelece a disponibilidade para a permuta, que por razões já expostas conduz o homem a divisão do trabalho. Tal princípio ocorre tão naturalmente como o aprendizado da linguagem. Em relação à economia a divisão do trabalho é a grande forma do aumento na produtividade, e esta divisão não provoca afastamento e sim funciona como elos de uma corrente que crescem sem se excluírem.

Referências

- Smith, Adam. **A Riqueza das Nações**. Rio de Janeiro: editora vozes, 1994.
- Araújo, Carlos Roberto Vieira. **História do Pensamento Econômico** (Uma Abordagem Introdutória). Editora Atlas S.A. São Paulo, 1995.